

## A ADAPTAÇÃO DE OBRAS CLÁSSICAS PARA QUADRINHOS E O INCENTIVO À LEITURA DE CÂNONES LITERÁRIOS

Ana Carolina Galvão<sup>1</sup>  
*anagaalvao@gmail.com*  
Ana Carolina de Souza Nazaro<sup>2</sup>  
*nazaro.ana@gmail.com*

### RESUMO

Nas aulas de Língua Portuguesa, muito além de estudos linguísticos, os alunos do ensino básico devem aprender a interpretar, produzir e reconhecer textos literários. Portanto, seja para fins de aprendizagem linguística ou histórica, a literatura está presente no ensino da língua materna. Porém, em muitos casos, são exigidas leituras cansativas ou incompreensíveis, segundo os alunos. Para incitar a leitura e ampliar o conhecimento dos estudantes, várias obras clássicas têm sido republicadas em forma de quadrinhos ou reescritas com uma linguagem atual. É o caso do romance *Dom Casmurro*, que foi publicado como história em quadrinhos por Fábio Moon e Gabriel Bá; de *Romeu e Julieta*, que virou um livro em forma de mensagens de redes sociais e ganhou o título de “YOLO Juliet” por Brett Wright; *Triste Fim de Policarpo Quaresma* virou um vírus de computador em “Ataque do Comando P. Q.” por Moacyr Scliar. A escolha do tema se deu pelo interesse em descobrir como os alunos e professores podem se relacionar com esses novos clássicos e como o professor de língua portuguesa pode utilizá-los em sua prática com os objetivos de ampliar o conhecimento dos alunos e fazê-los conhecer os clássicos de forma instigante, atual e divertida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Clássicos; Adaptações; Quadrinhos; Leitura.

## THE ADAPTATION OF CLASSICAL WORKS INTO COMICS AND THE INCENTIVE TO READING LITERARY CANONS

### ABSTRACT

In Portuguese classes, far beyond linguistic studies, students must learn to interpret, produce, and recognize literary texts. Therefore, either for linguistic or historical purposes, literature is present in the mother tongue teaching. However, in many cases, it is required from students a tiresome or incomprehensible reading. To incite reading and expand students' knowledge, many classic works have been republished as comic books or rewritten in a modern language. It is the case of *Dom Casmurro*, published as comic book by Fábio Moon and Gabriel Bá; of *Romeo and Juliet*, which became a text written in social network language and entitled “YOLO Juliet” by Brett Wright; of *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (Sad End of Policarpo Quaresma, in literal translation), which became a computer virus in “Ataque do Comando P. Q.” (Attack of Command P.Q.) by Moacyr Scliar. The theme was chosen because of the interest to find out how students and teachers can relate to these new classics and how the Portuguese teacher can use them to expand the students' knowledge and make them know the classic works in an inciting, modern, and fun way.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pelo Centro Universitário de Maringá, pós-graduanda do curso de Linguagens e Educação a Distância da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Graduada em Letras pela Universidade Regional de Blumenau.

**KEYWORDS:** Classics; Adaptations; Comics; Reading.

## 1 Introdução

A literatura já foi tão valorizada que chegou mesmo a ser tomada como sinal de poder cultural. “É bem verdade que muitas vezes os textos literários serviam apenas como objeto de culto; culto do estilo, do ‘bem escrever’ e até mesmo do exagero retórico de alguns escritores” (BRASIL, 2009). Hoje, no Brasil, todo cidadão possui o direito e dever de frequentar a escola (BRASIL, 2013), se apropriando ali de conhecimentos. Em relação ao literário, os alunos têm contato com histórias nacionais, na sua maioria, consideradas clássicas, além de escolas literárias, a história da literatura etc. Essas histórias, muitas vezes, são vistas como narrativas cansativas pelos alunos, principalmente os estudantes do Ensino Médio, os quais se veem obrigados a lerem os clássicos por conta dos vestibulares.

Sabe-se que assim como a língua evolui (BAGNO, 2007), a estilística, a forma de narrar e os gêneros também recebem mudanças. Para Foulin, o mundo psíquico que temos hoje não foi sempre assim, pois sua caracterização está diretamente ligada ao mundo material e às formas de vida que os homens vão construindo no decorrer da história da humanidade. Dessa forma, os alunos procuram obras que estão mais perto da sua cultura atual, e já que são impostos alguns clássicos que não condizem com a sua geração, por que não os adaptar? A experiência literária acontece por meio do contato com o texto, resultando numa apropriação da literatura. Dessa forma, o aluno experimenta a sensação de estranhamento que traz o texto literário, podendo ser pelo uso incomum de linguagem, ou pela sua própria visão de mundo em conflito – ou concordância – com o autor.

Este artigo tem como finalidade discorrer sobre as adaptações das obras consideradas clássicas para o gênero História em Quadrinhos, como podem influenciar positivamente na formação de leitores e sua importância no cenário escolar.

## 2 O uso de adaptações de livros clássicos em sala de aula

Ítalo Calvino, em seu livro *Por que ler os clássicos*, lista 14 argumentos sobre a importância de ler uma obra literária clássica. Cada um desses argumentos é um tópico

interessante, mas será focado, primeiramente, o sétimo:

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessam (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes) (CALVINO, 1993).

Mesmo mantendo uma opinião contrária à leitura de obras que não sejam as clássicas, Calvino nos diz muito com essa frase. Ele explica que a *Odisseia* significou muito nos séculos seguintes, especialmente para o país de origem do livro. Foi um marco épico da mitologia grega que influenciou autores e obras de várias nacionalidades nos períodos seguintes, e permanece até hoje como grande lembrança da cultura e dos costumes dos gregos.

Os clássicos, costumeiramente, são livros antigos. O que é ensinado na escola, desde criança, é que a História é estudada para que os dias atuais sejam compreendidos. Sabe-se que os clássicos dizem respeito a tempos que não foram vividos por muitos e apresentam os costumes e a cultura de uma época passada. É dessa forma, entendendo o caminho por onde a literatura já passou, que os alunos podem entender mais sobre culturas, linguagens, povos e períodos. Calvino complementa, afirmando ainda que “os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos” (CALVINO, 1993). Além disso, mais do que ler para fins de conhecimento de mundo, para Ana Maria Machado, os clássicos são “um legado riquíssimo” (MACHADO, 2002), não negando o prazer causado por essas leituras.

No artigo *Faz falta uma literatura de massa brasileira*, de José Paulo Paes publicado na Folha de São Paulo de 1989, o autor diz que:

Se o livro continua sendo insubstituível como instrumento de saber e de cultura, perde de longe para a televisão como meio de entretenimento. Antes que houvesse tempo de nossa tardia indústria do livro implantar no grande público o gosto e o hábito de leitura, veio a televisão roubar-lhe a maior fatia do bolo (PAES, 1989)

Dessa forma, os quadrinhos, que muitas vezes podem ser vistos como literatura de massa, acabam se tornando também uma forma de entretenimento para o leitor, já que trazem uma linguagem mais simples em conjunto das imagens, que são imprescindíveis.

Rildo Cosson, no Dicionário Ceale, define letramento literário como “o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem” (COSSON, 2016). É um movimento incessante que começa no início da vida com as cantigas de ninar e se aprimora a cada romance, novela ou

filme. A apropriação diz respeito a fazer com que algo seja seu, isto é, quando usamos um poema para expressar o que não conseguíamos expressar antes ou aprendemos com personagens, por exemplo. Essa apropriação da literatura enquanto linguagem trata da linguagem literária, que é um modo de construir sentidos.

Cosson, ainda, afirma que o letramento literário se dá com quatro práticas e características fundamentais. A primeira é o contato do leitor com a obra; a segunda é a construção de uma comunidade de leitores, onde leitores e textos circulam e são compartilhados. Depois vem a ampliação do repertório literário, em que o professor deve optar por várias manifestações culturais, lembrando que a literatura não é apenas escrita, mas está presente também em outros meios. Por último, devem ser oferecidas atividades “direcionadas para o desenvolvimento da competência literária”, atingindo o objetivo de formar um leitor literário.

Marisa Lajolo afirma que “não há mágica capaz de transformar em leitores aquele que, por qualquer razão, não pode ou não está a fim” (LAJOLO, 2001 apud GRIJÓ, 2005). Ou seja, se crianças e jovens simplesmente não querem ler, eles não o farão. Aqui entra o professor, que tem como um de seus objetivos transformar alunos em leitores, utilizando as práticas já citadas.

Sobre como os textos literários devem ser tratados na escola, os PCN (BRASIL, 1998) trazem a seguinte afirmação:

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.

Assim, para trabalhar o “reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem” (GRIJÓ, 2005), a escola vem se adaptando, atualizando e procurando novos métodos de mediação que selecionam o que pode e deve ser lido. Para provocar nos alunos o desejo de ler, é necessário levar a literatura até eles, tornando-a mais acessível e atraente, além de deixá-los perceber que a leitura dos clássicos pode se tornar algo prazeroso.

As adaptações literárias têm ganhado espaço nesse sentido. Segundo Mário Feijó (2012), “as adaptações de clássicos da literatura para o público escolar são textos novos  
*Revista Linguagem, Ensino e Educação, Criciúma, v. 2, n. 1, jul. – dez. 2017*

construídos sobre enredos antigos; são apropriações”. Para ele, elas dependem da influência que os clássicos exercem sobre pais, alunos e professores. Não são apenas paródias nem mesmo plágio. Grijó complementa dizendo que esse dispositivo didático/mercadológico, como ele chama,

faz circular os cânones, tão raros à academia, cria um novo e enorme mercado para os livros paradidáticos e ainda fornece à sociedade, nesse caso representada pelos pais e professores, a sensação de formação de uma geração de intelectuais que não apenas leem livros, mas leem Camões, Shakespeare, Cervantes, entre outros (GRIJÓ, 2005).

Para Ana Maria Machado, “o primeiro contato com um clássico, na infância ou adolescência, não precisa ser com o original; o ideal mesmo é uma adaptação bem-feita e atraente” (MACHADO, 2002 apud FEIJÓ, 2012). Afinal, fala-se de ir muito além de somente precisar ler, é preciso gostar de ler; por isso a adaptação deve ser atraente para o público-alvo.

Não é somente da escola o papel de formar leitores; há outros meios que facilitam essa formação, como a mídia, as adaptações cinematográficas, as listas de best-sellers, entre outros. Feijó lembra que a escola é o centro do ensino de leitura e escrita e, por isso, se torna uma “agência privilegiada de formação de leitores” (FEIJÓ, 2012), assim como “a agência de acesso aos saberes construídos pela humanidade”.

A grande questão sobre adaptações é usar o bom-senso. Feijó explica que

O acervo de uma biblioteca precisa ser renovado constantemente [...], a produção literária também precisa de renovação, de novas visões de mundo, de novas vozes para falar com os leitores iniciantes. Ou seja: acervos devem privilegiar sempre autores consagrados, mas sem excluir os chamados “novos talentos” (FEIJÓ, 2012).

Da mesma forma, é necessário que o professor seja leitor não só dos clássicos, mas também dos atuais, para que entenda e conheça adaptações fiéis, recomendando com sabedoria as melhores obras a seus alunos e as que mais se encaixem com suas necessidades escolares e pessoais.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, indica a necessidade de inserir outras linguagens na educação básica, de forma que o aluno saia da escola com “conhecimento das formas contemporâneas de linguagem” (BRASIL, 1996). Portanto, é dever do professor divulgar e direito do aluno conhecer as mais variadas manifestações artísticas. Entre as formas contemporâneas de linguagem, estão, por exemplo, os quadrinhos, gênero

amplamente utilizado como adaptação de clássicos, que por si só já trazem uma linguagem autônoma. A linguagem dos quadrinhos é tanto verbal quanto não verbal, e é necessário que os alunos percebam a relação entre as duas. A prova disso é o Exame Nacional do Ensino Médio, cujo objetivo é

saber até onde vai a sua capacidade para entender as várias formas de linguagem, seja um texto em português, um gráfico, uma tira de história em quadrinhos ou fórmulas científicas. Você tem de demonstrar que entende os códigos verbais e não verbais (INEP, 2008).

A adaptação tem como público-alvo aqueles que não foram previstos pelo autor original, seja por questões temporais, culturais, de linguagem ou qualquer outro motivo que se refira ao parâmetro de leitores. Parâmetro de leitores aqui remete aos estudos de Bakhtin sobre condições de produção do texto: intenção do autor, seu conhecimento de mundo e língua, previsões de circulação da obra, contexto sócio-histórico, imagem que o autor faz de seus leitores, entre outras.

O trabalho do adaptador consiste em reescrever a obra em outro contexto, “a partir de outras condições de produção e a partir do seu próprio contexto de produção de leitura, já que ele também é um leitor” (PAIVA, 2014). Luiz Raul Machado, no prefácio do livro de Mário Feijó, diz que:

adaptar é traduzir. Traduzir numa forma mais simples um belo enredo de personagens atraentes. Recontar numa linguagem coloquial uma bela história. Claro que reduz, claro que simplifica. Mas, se toda tradução é um pouco traição, o adaptador trai um pouco o autor, “facilitando” sua obra para um leitor ainda com poucos recursos. Por outro lado, põe ao alcance do jovem uma história maravilhosa antes inacessível (FEIJÓ, 2012).

Mas, em vez de ser uma tradução de um idioma para outro, a adaptação literária redireciona a obra para outro público partindo do pressuposto de que esse novo público “não tem o perfil daquele previsto pelo autor da obra original” (PAIVA, 2014).

O maior adaptador brasileiro, segundo Feijó (2012), foi Monteiro Lobato, que conseguiu reescrever clássicos literários para crianças e jovens. Feijó ainda conta a experiência pela qual passou: teve contato com Lobato desde criança e um dia descobriu sua versão d’As aventuras de Robin Hood. Por conta desse livro, descobriu as traduções de Lobato de *O homem invisível*, de H. G. Wells, o que o levou a ler *A máquina do tempo* do mesmo autor, com prefácio

de Jorge Luis Borges. Assim, vemos com esse relato como uma adaptação levou o leitor a descobrir clássicos e ler as obras originais.

Um fator importante para a formação de leitores é a formação de professores-leitores. De acordo com Feijó (2012),

há mais professores-leitores onde as condições de trabalho são boas, os salários são decentes e as oportunidades de reciclagem profissional, permanentes. A maioria dos professores brasileiros precisa receber mais estímulos do que recebe hoje, principalmente do poder público. É preciso que, junto com a cobrança por bibliotecas e acervos, haja pressão social pela formação de professores-leitores.

Afinal, como pode um professor de educação física lecionar sem quadra esportiva, ginásio ou campo de futebol? Ou um professor de química, como consegue trabalhar sem laboratório? Um professor de matemática tem que saber calcular. “Como então formar leitores sem biblioteca ou sem um professor que goste de ler e seja leitor de literatura?” (FEIJÓ, 2012).

Foucault nos apresenta os conceitos de “texto primeiro” e “texto segundo”, considerando que toda sociedade precisa atualizar seus discursos, se ajustar, se corrigir, entendemos qual a necessidade das adaptações e sua função – textos reescritos de acordo com o contexto histórico e o público a que se destinam para fins de atualização. Levando isso em consideração, toda adaptação é, então, segundo Feijó (2012), “inerente à renovação da tradição literária”.

### **3 Conclusão**

Portanto, percebe-se como é importante que a escola, o professor e o aluno entrem em um acordo quanto à leitura literária em sala. As novas obras, atualizadas para que a nova geração de leitores se encontre mais facilmente, estimulam o gosto pela leitura, abrindo mais portas para o nascimento de novos autores. Não há mais a necessidade de se criarem leituras moralistas ou pedagógicas; a literatura volta a ser arte, e como tal pode ser utilizada por prazer.

Como já mencionado neste texto, a linguagem evoluiu, e a literatura também tomou o mesmo rumo. É necessário que o professor estude o perfil da sua turma e entenda que, muitas vezes, para o aluno, ele terá uma melhor apropriação textual se por ventura tiver contato com um texto o qual fala a mesma linguagem que a dele: atual. A adaptação de obras clássicas para

Histórias em Quadrinhos facilitará, então, a leitura do aluno, que, talvez por causa da idade, ou da sua realidade atual, deixaria de ter contato com a obra clássica que foi adaptada.

Não se nega que um pouco da obra original se perca a cada adaptação feita a partir dela, mas enfatiza-se a utilidade que os clássicos reescritos podem ter tanto para o professor quanto para o aluno. Em momento algum a leitura de adaptações é divinizada; espera-se apenas que o educando tenha contato com a obra clássica e venha a procurá-la em seu texto original posteriormente, após a curiosidade e o interesse terem sido instigados. E se eventualmente não ler o original, terá como consolo a leitura de um texto reescrito de um clássico.

### Referências

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso** - por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Nº 9394/96. Brasília: 1996.

\_\_\_\_\_. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias** /Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, 2006.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Disponível em:  
<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=183&Itemid=310](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=183&Itemid=310)>. Acesso em 25 abr. 2016.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. ed. reform. ampl. São Paulo: Saraiva, 1999.

BROWN, S. M. R. A obra literária adaptada no ensino de língua portuguesa. **Verbum** – Cadernos de pós-graduação, n. 3, p. 25-42, 2013.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. Dicionário Ceale. Disponível em:  
<<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>>. Acesso em 25 abr. 2016.

FEIJÓ, M. **O prazer da leitura: como a adaptação de clássicos ajuda a formar leitores**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2012.

GRIJÓ, A. A. **Leitura de adaptações de clássicos da literatura universal e propostas de mediação escolar.** 2005. Trabalho apresentado ao 15º Congresso de Leitura do Brasil, São Paulo, 2005.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

PAIVA, A. (org.) **Literatura:** saberes em movimento. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2014.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos.** São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. **Quadrinhos na educação:** da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009.